

História, gênero e trajetórias biográficas ST. 42

Isabela Candeloro Campoi

Universidade Federal Fluminense

Palavras-chave: Adalgisa Nery; jornalismo político; gênero

A trajetória biográfica de Adalgisa Nery: contribuições para a formação da jornalista e deputada

Verificar a trajetória de vida da escritora Adalgisa Nery, tornou-se exercício fundamental na execução do nosso trabalho de pesquisa. Mesmo que nosso interesse esteja pautado no período em que atuou como jornalista e deputada (1954-1969), é através da análise do seu itinerário que encontramos pontos reveladores no que concerne à postura de Adalgisa Nery no jornalismo e na câmara dos deputados. Da mesma forma, no campo das relações de gênero, Adalgisa Nery encontrou em seus casamentos campo propício para desenvolver-se intelectual, cultural e socialmente.

Com pouco mais de 15 anos de idade, a adolescente Adalgisa Nery, já casada com o pintor modernista Ismael Nery, morto em 1934, recebia as primeiras instruções do universo intelectual. Em diversas circunstâncias a escritora exalta os encontros em sua casa promovidos pelo primeiro marido, durante os quais, artistas, escritores e estrangeiros levados por eles, debatiam animadamente noite adentro.ⁱ Nas suas palavras: (...) *eu acompanhava aquilo tudo como se fosse um curso apuradíssimo, porque todos eles eram muito inteligentes com muita cultura, com muita imaginação, com muita intuição, com muita sensibilidade, então eu lucrei com aquilo; a minha casa (...) era freqüentada só por homens.*ⁱⁱ Portanto, durante o enlace com Ismael Nery, Adalgisa travou os primeiros contatos com figuras ligadas à intelectualidade, iniciando o relacionamento com uma rede de sociabilidades que foi fundamental na sua trajetória.

Viúva e com dois filhos pequenos, Adalgisa Nery dá início à carreira literária em 1937, publicando *Poemas*. Nesse período freqüentava a livraria José Olympio no centro do Rio de Janeiro, onde conheceu seu segundo marido, Lourival Fontes, chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda-DIP da ditadura Vargas. Com esse casamento Adalgisa adquiriu posição de destaque por conta de sua inevitável relação com o governo, freqüentando as entranhas do poder, promovendo festas e reuniões sociais, enfim, figurando como a Senhora Lourival Fontes.

No contexto dos anos 1940, o relacionamento de Getúlio Vargas com o meio intelectual durante o Estado Novo era balizado pelo DIP, órgão de censura, controle e

disseminação ideológica nacionalista, fundamental na construção do fenômeno populista. Portanto, casando-se com Lourival Fontes, o todo poderoso chefe do DIP em maio de 1940, a escritora vincula-se às instâncias governamentais. A Adalgisa Nery, do início da década de 1940, revela-se como uma mulher pertencente à elite política, de vida pública e social intensa.

Tanto que sua condição como Sr^a Fontes foi utilizada por Samuel Wainer, editor da revista *Diretrizes*, como uma espécie de ‘escudo protetor’.ⁱⁱⁱ De acordo com Wainer, *Adalgisa, uma linda mulher, escrevia textos muito interessantes, não era preciso ser indulgente para publicá-los. Para o jornalista, o fato de ser casada com Lourival Fontes, naturalmente valorizava sua presença na redação de Diretrizes e oferecia à revista algum tipo de segurança.*^{iv}

Foi no decorrer do casamento de 13 anos com Lourival Fontes que a mulher admiradora da personalidade, do homem público e do estadista Getúlio Vargas, desabrochava. Demitido do DIP, Lourival ocupou o cargo de delegado na Organização Internacional do Trabalho no Canadá, antes de tornar-se embaixador no México.^v

De volta ao Brasil, ressurgem no centro das articulações políticas e dos eventos sociais com a volta de Getúlio Vargas ao poder federal em 1951, quando Lourival foi nomeado chefe do gabinete civil da presidência. Por conta da posição do marido Adalgisa Nery trabalha como presidente da Associação Brasileira de Ajuda ao Menor, alavanca para o início de uma carreira política em que Adalgisa percorreria com os próprios meios.

É certo que foi durante o casamento com Lourival Fontes que a escritora, vinculada às instâncias governamentais, freqüentando as entranhas do poder, adquire identidade com o nacionalismo-getulista. O nacionalismo, tão forte e característico nos textos da jornalista, tinha suas bases fíncadas nessa sua experiência *no e com* o governo Vargas. Por volta de 1953, uma crise conjugal provocou o término do casamento, que teve fim tempestuoso.

Em novembro de 1954 inicia na carreira jornalística, atividade que a elegeu por dois mandatos como deputada estadual da Guanabara. Nesse momento, a escritora Adalgisa Nery sustentava, aos 49 anos de idade, uma postura de mulher pública que certamente contribuiu para o sucesso da sua carreira. Da mesma forma, sua performance nos bastidores do poder ajudou a moldar a postura política adotada no jornalismo e na câmara estadual.

Nascida com conteúdo nitidamente político e nacionalista, a coluna *Retrato sem Retoque*, era publicada no Jornal Última Hora, cujo editor e dono, Samuel Wainer, era antigo conhecido da escritora. O primeiro artigo de Adalgisa Nery sob o título “A incontinência do embaixador”, foi publicado em 04 de novembro de 1954 no caderno cultural, destoando dos outros assuntos tratados na página. Adalgisa comenta uma entrevista *não muito amiga nem*

muito ponderada dada pelo embaixador Kemper de férias em Boston, sobre a exportação de café. Junto de charges e notícias sobre música e cinema, o *Retrato sem retoque* estreou também com um desabafo nacionalista. Referindo-se a tal entrevista, a jornalista escreve: *li e desgostei profundamente porque ainda possuo traços de dignidade e amor próprio de brasileira.*

No dia seguinte, na primeira página do jornal, uma foto da escritora e a manchete: *Estréia de Adalgisa Nery no jornalismo quotidiano, com texto sobre a escritora de excepcionais qualidades, com um vasto público, principalmente nos meios femininos que estará agora, em cada tarde, em cada casa do Rio de Janeiro (...).* Em sua autobiografia, Samuel Wainer afirma que após a publicação do primeiro artigo no jornal, Adalgisa Nery telefonou-lhe combativa: *Eu não fico em caderno de mulher. Quero o caderno dos homens, quero o primeiro caderno.*^{vi} A resposta para sua reivindicação chega na capa da edição do dia 06. Referindo-se ao sucesso da coluna de Adalgisa Nery, o texto é dirigido aos seus leitores, avisando-os *que encontrarão sua seção publicada na quarta página do primeiro caderno, em vez de estar onde habitualmente a encontram.*

Torna-se interessante observarmos a reação de Adalgisa frente às primeiras publicações no Última Hora. Ao caracterizar o primeiro caderno do jornal como um espaço jornalístico de/para “homens”, pergunta-se que tipo de imprensa faziam as mulheres naquele momento, para que a escritora exigisse seus artigos nesse caderno?

Numa primeira fase, as mulheres entraram nas redações dos jornais ocupando espaços reservados para assuntos freqüentemente ligados ao âmbito doméstico, como educação infantil, relacionamentos afetivos, dicas e receitas culinárias, moda, ou então publicando contos e crônicas romanescas. Diante disso, propondo-se tratar de assuntos políticos ou ligados à economia, Adalgisa Nery exigia o espaço reservado aos homens.

Num ligeiro retrato do Brasil dos anos 50, constata-se que o país foi marcado por transformações em diversos níveis. Na área econômica esboçava-se o projeto nacional desenvolvimentista: urbanização, industrialização e tecnologia eram palavras de ordem. No campo das artes e da cultura, o período foi marcado pela construção do novo, pela idéia de desenvolvimento e transformação do país, pela valorização do popular em sintonia com o espírito nacionalista crescente no decorrer da década. O cinema novo, o concretismo na poesia, o teatro do oprimido, a bossa nova foram movimentos impulsionados por essa atmosfera de inovação característica dos anos 50.

Os ares de transformação desse período afetaram também a imprensa brasileira: inovações na diagramação e apresentação das matérias, diversificação temática, certa

objetividade jornalística, novas técnicas de produção e administração. A publicação *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*, coordenada pela professora Alzira Abreu, reúne ensaios indispensáveis para a ampliação dessa área de estudos.^{vii}

Segundo Marieta de Moraes Ferreira, *o jornal Última Hora é um exemplo desse quadro de mudanças que já vinha se delineando desde o início da década. (...) a Última Hora revolucionou a imprensa, introduzindo uma série de novas técnicas de comunicação de massa.*^{viii} O período de existência do Última Hora foi relativamente curto: 20 anos. Contudo, entre 1951 e 1971, as suas páginas ilustraram situações importantes e momentos cruciais da história nacional. Com apenas seis meses de existência, o Última Hora tornou-se líder de circulação no Rio de Janeiro.

Assim, com pouco mais de 40 dias de vida, a coluna *Retrato sem retoque* parece ter dado à Adalgisa Nery algum respaldo junto aos políticos que figuravam na capital federal de então. É ilustrativa a notícia anunciada na capa da edição do dia 23 de dezembro de 1954: “Debate de homens públicos num jantar de embaixatriz”.^{ix} Sustentando o título de embaixatriz, proveniente de uma posição anterior quando esposa de Lourival Fontes, o rótulo revela uma expressão política importante. As fotos publicadas na capa dessa edição ilustram o clima de descontração e debate. No texto da reportagem, afirma-se: *Foi das notas curiosas da reunião, que a embaixatriz Adalgisa Nery presidia com seu encanto pessoal, participando das conversas e não escondendo jamais sua opinião.*

Foram cerca de 10 anos escrevendo uma coluna diária, tratando questões ligadas à política e à economia nacionais, criticando de modo combativo a influência estrangeira no Brasil, tecendo tanto elogios como críticas nominais aos setores da política envolvidos principalmente nas relações financeiras do país, tais como deputados, ministros de Estado, diretores de empresas estatais e militares.

Identificada com as diretrizes nacionalistas, a jornalista Adalgisa Nery foi visitada por João Mangabeira, líder do Partido Socialista Brasileiro – PSB e convidada a ingressar no partido como candidata à Assembléia Constituinte do recém-criado Estado da Guanabara nas eleições de 3 de outubro de 1960.

Desta forma, *o lançamento do nome da escritora e publicista tão conhecida de todo o público especialmente através de sua coluna Retrato sem retoque repercutiu da maneira mais favorável.* A matéria ilustrada na capa do Jornal Última Hora em 7 de julho de 1960 é acompanhada de uma foto da jornalista, identificada como *infatigável lutadora das causas nacionalistas e populares.*

Nesse contexto, a jornalista Adalgisa Nery foi escolhida para presidir o Movimento Nacionalista da Guanabara, já que, portadora de um discurso nacionalista desde o início da carreira no jornal, era autorizada a representar o movimento, principalmente por conta de sua condição de formadora de opinião e de personalidade pública vinculada a um órgão da grande imprensa. O exemplo cubano, assim como a luta dos congoleses, recebeu apoio dos nacionalistas na ocasião da I Convenção do Movimento Nacionalista da Guanabara. O Última Hora deu especial atenção ao encontro ocorrido entre os dias 20 e 22 de agosto de 1960. Realizada na sede do automóvel clube do Brasil, a I Convenção Nacionalista da Guanabara, posicionava-se apartidária. Entretanto, o grupo presidido pela jornalista política *declarou à imprensa que o conclave marcará o início da etapa final da campanha de Lott, Jango e Sérgio na Guanabara, e que de suas decisões resultará um passo a frente na eleição dos candidatos nacionalistas.*^x

Sem perder de vista e em consonância com o panorama internacional, a convenção dos nacionalistas brasileiros encerrou-se com o discurso de Adalgisa Nery, que tratou da situação dos povos coloniais subordinados aos trustes e monopólios internacionais, exemplificando com dados estatísticos da ONU sobre a situação dos países pobres. *Na mesma ordem de considerações, Adalgisa Nery denunciou os controles estrangeiros da exportação do café brasileiro, bem como os empréstimos a prazo curto e juros altos dos bancos estrangeiros ao nosso país.* Ponto considerável do seu discurso foi a retomada da luta de Getúlio Vargas, quando finalizou com a leitura da carta-testamento deixada por Vargas, *seguindo-se um minuto de silêncio em homenagem ao grande presidente.*^{xi}

Da mesma forma, o nacionalismo ligado à figura de Getúlio Vargas também caracteriza o discurso da escritora adotado na coluna *Retrate sem retoque*. É bastante recorrente o resgate à memória de Vargas, tanto entrelaçando seus argumentos - quando pretende intensificar seu discurso nacionalista - como nas datas de nascimento e morte de Vargas.

Nas diversas circunstâncias em que membros das Forças Armadas brasileiras e alguns políticos civis articularam um golpe de estado, a jornalista defendia as instâncias democráticas e denunciava o chamado gorilismo. Nos anos de 1955, 1960 e 1961, quando a democracia esteve vulnerável às forças golpistas, a sua postura jornalística denunciadora paulatinamente criava indisposição com os membros das Forças Armadas. Os articuladores do golpe eram apontados nominalmente por Adalgisa Nery.

A ascensão de Adalgisa Nery na Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara está ligada diretamente à sua postura como jornalista política. A popular e bem-sucedida jornalista

converteu seus leitores em eleitores. Na intenção de manifestar seu descontentamento diante de posições, atitudes e posturas políticas que julgava incorretas, Adalgisa Nery valia-se de linguagem própria, incisiva e muitas vezes metafórica.

Com a mudança da capital federal para Brasília, elegeu-se deputada constituinte do estado da Guanabara pelo PSB, sendo inclusive líder partidária. Em 1962, torna-se deputada estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, de João Goulart. Por conta da implantação do bipartidarismo pela ditadura militar, foi reeleita pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB nas eleições de 1966.

Em seus discursos, a deputada não se desassocia da jornalista. Em algumas circunstâncias, nas sessões parlamentares, fez a leitura de seus artigos publicados no Última Hora, assim como incorporou a posição de deputada na coluna *Retrato sem Retoque* em várias ocasiões. Após a eclosão do golpe, tanto a deputada como a jornalista Adalgisa Nery, estabelece um largo período de silêncio em plenário e no jornalismo cotidiano. No decorrer de sua carreira como jornalista e deputada, Adalgisa foi se esquivando e aos poucos tornou-se uma mulher reclusa, bem diferente da época de vida badalada como a senhora Fontes. Teve os direitos políticos cassados em outubro de 1969, sendo obrigada a abandonar os trabalhos como parlamentar, quando já havia deixado o trabalho no jornalismo.

Nacionalista ferrenha, jornalista atuante num veículo da grande imprensa, admiradora e porta-voz incondicional da tradição política de Vargas, Adalgisa Nery defendeu as instâncias políticas democráticas no período que antecedeu à ditadura militar no Brasil. Seus casamentos, o primeiro quando tinha 16 anos, e o enlace seguinte com o chefe do órgão de censura do Estado Novo, lhe serviram como espaço para o desenvolvimento social e intelectual de Adalgisa Nery. Experiências do campo do privado foram fundamentais para formação da jornalista e da deputada. O jornalismo econômico e político era área atípica às mulheres por volta da segunda metade do século XX e Adalgisa Nery adentrou esses espaços com desenvoltura; foi reconhecida e obteve sucesso. Entretanto, quando as forças reacionárias civis e militares definitivamente tomaram o poder político no Brasil, essa mulher, defensora do nacionalismo e da democracia, paulatinamente silenciou-se. Quando foi cassada, Adalgisa Nery preparava material da sua campanha eleitoral para deputada federal.

Referências

ABREU, Alzira Alves de. (org.) *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ⁱ Entre os freqüentadores estavam: Álvaro Moreira, Jorge de Lima, Aníbal Machado, Murilo Mendes, Mário Pedrosa, Pedro Nava, Jorge Burlamaqui,, Dante Milano, entre outros.

ⁱⁱ Depoimento de Adalgisa Nery para o círculo de escritores brasileiros do Museu da Imagem e do Som, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1967. Entrevistadores: Paulo Silveira, Pelegrini Junior e Carlos Drummond de Andrade.

ⁱⁱⁱ A revista intitulada *Diretrizes: política, economia, cultura* tratava de assuntos contemporâneos polêmicos, como o nazi-fascismo e a política internacional, valendo-se de charges, material fotográfico e colaboração de escritores estrangeiros. Num período bastante delicado da política nacional, Wainer mantinha como conselho diretor da revista figuras como Astrogildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro - PCB, Graciliano Ramos, opositor histórico do Estado Novo, além de nomes como Carlos Lacerda, Rubem Braga e Raquel de Queirós.

^{iv} WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1988, p. 51.

^v Foi na passagem pelo México, no período de janeiro à novembro de 1945, que Adalgisa Nery conheceu e se relacionou com o casal Frida Kahlo e Diego Rivera, sendo inclusive retratada pelo pintor.

^{vi} WAINER, Op.Cit. p.247.

^{vii} ABREU, Alzira Alves de. (org.) *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

^{viii} FERREIRA, Marieta de Moraes. "A reforma do jornal do Brasil". In: ABREU. *Idem*, p. 143-144.

^{ix} Tal evento reuniu deputados e senadores entre eles, Nereu Ramos, Gustavo Capanema, os udenistas Monteiro de Castro e Artur Santos, Arthur Bernardes Filho e Gilberto Marinho. Figuravam também o editor José Olímpio, o coronel Juracy Magalhães, o embaixador Negrão de Lima, os generais Conrobert Pereira da Costa e Nelson de Melo, além de jornalistas.

^x Jornal última Hora, em 20 de agosto de 1960. Acervo microfilmado localizado na Biblioteca Nacional, RJ.

^{xi} Jornal Última Hora, 23 de agosto de 1960.